

## **O Feitor**

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

*A arma mais potente nas mãos do opressor são as mentes dos oprimidos.- Stephen Bantu Biko*

Uma das perguntas mais freqüentes que se ouve, nesses dias, semanas e meses complicados, é: o que fazer, em relação a tanta coisa grave e séria que está no noticiário, caos, crimes, corrupção, violência e - sobretudo - a perplexidade diante da impunidade, que - de acordo com uma importante série de revelações, que O Globo vem publicando - parece permanecer incólume e soberana?

Às muitas tentativas de explicação, soma-se a observação de que, por mais que se multipliquem os escândalos e aumente a indignação de uma parte da sociedade, a popularidade do nosso presidente permanece alta. Numericamente, encaixa-se quase precisamente na parcela dos 2/3 da população que foram seus eleitores e o continuam apoiando.

Os números são significativos: uma pesquisa recente sobre o caos aéreo - divulgada pela CBN - mostrava que era de 8% a fração das pessoas que tiveram suas vidas diretamente afetadas pelo problema e de 23% as que sabiam de algum amigo ou parente prejudicado. Os restantes 69% passam ao largo desta crise. Não é difícil projetar este quadro para as demais questões que afligem a quem lê jornais e revistas ou é capaz de entender os noticiários do rádio e da TV: somos, no máximo, um terço...

O Brasil de hoje está claramente dividido em 3 classes: os 2/3, o 1/3 e uma outra fração muito pequena percentualmente, dos "donos do poder". O longo período - de quase 400 anos - da escravidão definiu nossa estrutura socioeconômica. A natureza das relações interpessoais daquele sistema polarizou-se, de um lado, pelo autoritarismo e corrupção moral dos senhores e, por outro, pela prevalência das motivações básicas do comportamento dos escravos: assegurar a sobrevivência, evitando responsabilidades e fugindo ao castigo.

A proporção entre escravos e senhores manteve-se no século 19. No século passado, através do influxo imigratório e da industrialização, deu-se a emergência da classe média. Entre os 180 milhões de brasileiros de hoje, ainda são em número bem maior os descendentes dos primeiros do que dos últimos. Os senhores, que se apossaram do poder político e de boa parte do econômico, mantiveram o gosto pelos privilégios e a prática do autoritarismo impune; ao povão, a manutenção da ignorância e o recurso ao subterfúgio. Na classe média, espremem-se os que pagam impostos e leem jornais.

A isso tudo, acrescento um comentário ouvido recentemente de uma pessoa ligada a grupos multinacionais: estes apreciam o atual presidente, porque acham que, como emergiu da grande parcela oprimida, funciona como um feitor, mantendo-a passiva, satisfeita com migalhas sociais, mas - sobretudo, sob controle. É uma situação que - apesar de levar os poucos reais cidadãos ao desespero - assegura uma enganosa paz social, assegurando o domínio do estado à eterna oligarquia e viabilizando bons retornos sobre os investimentos de quem não têm identidade, partido ou pátria.

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=120&ID=407>>.  
**Acesso em:** 30 jul. 2009.